

Museu de História Natural de Campinas:

Uma Jornada pela História



Sumário

Introdução: O Museu de História Natural de Campinas	03
A Fundação e o Legado de Max Wünsche e Albertina Escher	04
Crescimento e Evolução: O Papel de Mário Lotufo	09
Novas Técnicas e Sustentabilidade: Daniel Santos de Aguiar	10
A Continuidade com Reynaldo Wünsche	13
Reestruturação com Célio Turino	16
A Expansão com o Aquário Municipal: Flávio Jorge Abrão	17
Projetos Educacionais e Contribuições de Denise Polydoro e Isabel Pagano	18
Conclusão: O Futuro do Museu	20

O Museu de História Natural de Campinas

Fundado em 1938, o Museu de História Natural de Campinas tem desempenhado um papel vital na preservação da fauna brasileira e na educação ambiental da cidade.

Desde sua criação, o museu passou por transformações, sempre com o objetivo de compartilhar o conhecimento científico com a comunidade e manter um acervo valioso de espécimes.



Este e-book busca resgatar a história de profissionais que tiveram contribuição fundamental para sua história, desde o início até os dias atuais.



A Fundação e o Legado de Max Wünsche e Albertina Escher



Foto: Wunsch

Max Wünsche nasceu em 12 de setembro de 1905, em Neugersdorf, Saxônia na Alemanha. Formou-se em taxidermia, osteologia e química de museus em Desdel.



Chegou ao Brasil em 1921, junto aos seus pais, Emilio Reynaldo Wünsche e Ana Wünsche, residindo na cidade de Rio Claro-SP.

Dedicavam-se a viagens pelo país em busca de espécies desconhecidas e, principalmente, casulos de borboletas. Casou-se com Albertina Martha Escher em 20 de dezembro de 1924.

Sua trajetória ligada aos museus se iniciou com a montagem do Museu de História Natural do Horto Florestal de Rio Claro, no ano de 1934.

Em 1937, o prefeito de Campinas, Dr. João Alves dos Santos, convocou Dr. Wünsche para a fundação do Museu de História Natural de Campinas (MHN), no Bosque dos Jequitibás, cuja inauguração foi realizada em 20 de maio de 1939.

Durante seu trabalho no Museu, Max coletou aproximadamente 1.383 peças que ele próprio caçava em viagens pelo país, principalmente na região do Pantanal Mato-grossense, em companhia da esposa Albertina e alguns caçadores.



Chegou a relatar que a prefeitura lhes fornecia uma ambulância antiga, a qual nas subidas era preciso empurrar e contavam com pouco apoio financeiro, entretanto tais detalhes nunca foram empecilho para o fim das caçadas.

Os animais abatidos eram embalsamados no próprio lugar, com uma técnica que o fundador do MHN dizia ser diferenciada das usadas até então.

Consistia num processo de retirada do couro e de todo o interior do animal, o deixando oco, substituindo por uma estrutura de arame e algodão e recoberto usando o couro agora preparado com arsênico.



Foto: Museu de História Natural de Campinas/Acervo

Max Wünsche enfrentou certas objeções, a primeira foi de se naturalizar brasileiro, o que por decreto (Lei nº 1.202) impedia seu exercício em qualquer área técnica, entretanto o mesmo não deixou o cargo de diretor-técnico do MHN.

Outro empecilho foi a apreensão de seu armamento com o estouro da Segunda Guerra Mundial, com a dificuldade de manter a atividade de caça se voltou à produção de orquídeas na sua chácara, batizada de “O Berço das Orquídeas”, em Barão Geraldo, Campinas.



Também desenvolveu a produção de quadros feitos com penas de aves brasileiras, chegando a presentear figuras ilustres como o Presidente da República Dr. Getúlio Vargas.



Max recebeu diversas indicações, homenagens, além de condecorado como Comendador. Em 1942 foi reconhecido como único especialista para montar o esqueleto de Baleia no Instituto de Pesca em Santos-SP. Recebeu, no ano de 1969, a Medalha Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, pela Sociedade Geográfica Brasileira.

Faleceu em 2 de maio de 1995, aos 89 anos, devida a uma parada cardio-respiratória.



Albertina Escher, nascida em Rio Claro no dia 13 de julho de 1903, é filha dos suíços Alberto Escher e Cristina Iost. Casou-se com Max Wünsche em 20 de dezembro de 1924 e quatro anos depois tiveram o filho Reynaldo Alberto Wünsche.

Dona Albertina teve papel fundamental na história do Museu de História Natural, devido à sua constante participação ao lado de Max. Participava das viagens feitas pelo Brasil em busca de peças para a formação do Museu, tendo o seu porte de caça expedido em 16 de setembro de 1946, além das caçadas também colaborava cozinhando para o grupo.

Outro papel de destaque foi após o decreto 1.202, que impedia Max Wünsche de exercer seu cargo com diretor-técnico devido à nacionalidade alemã, o Prefeito Municipal Dr. Euclides Vieira a nomeou como diretora do Museu.

Faleceu devido a uma embolia pulmonar, no dia 24 de outubro de 1991. Assim como Max, está sepultada no cemitério da Saudade de Campinas.



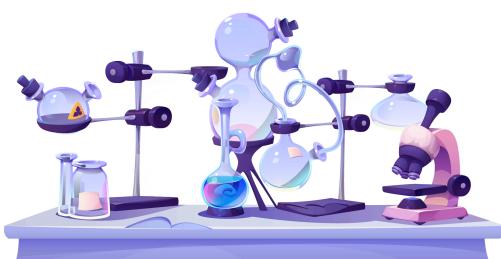
Crescimento e Evolução: O Papel de Mário Lotufo

Mario Lotufo foi responsável por assumir o posto de taxidermista logo após a parada de Max Wünsche, trabalhando entre as décadas de 1960 e 1970. Foi responsável pela criação de nichos expositivos, objetivando expor cada fauna em seu habitat natural.



Em 1977, apresentou problemas pulmonares, muito provavelmente ocasionado devido às substâncias químicas usadas na prática de taxidermia, tendo um acesso no próprio laboratório do Museu de História Natural, perdendo um dos pulmões. Pouco depois também apresentou a falência do outro.

Aposentou-se no mesmo ano, de forma que o museu ficou em hiato até 1983.



Novas Técnicas e Sustentabilidade: Daniel Santos de Aguiar

Daniel Santos de Aguiar, natural do Rio de Janeiro, nasceu em 14 de junho de 1962. Veio para Campinas em 1982 devido à doença de sua mãe, que faleceu em 1983.

Teve o primeiro contato com o Bosque dos Jequitibás com trabalho de guarda vigilante, provisoriamente no período de três meses para depois ser transferido à Secretaria de Planejamentos junto de seu pai.

Durante o período no Bosque, apegou-se aos funcionários, principalmente ao chefe da época, o historiador Célio Turino.

Relatou que em uma segunda-feira, já terminando o período no museu, foi arrumar um animal empalhado que havia caído do galho sendo visto pelo Célio que gostou na maneira de como teria manuseado a peça e o convidou para participar do projeto de reforma do museu.



Daniel foi então encaminhado para Unicamp ao departamento de biologia para elaborar um estágio na área de taxidermia.



Fotos: Daniel Santos de Aguiar

Em 1993 foi trabalhar em outros órgãos públicos (Ceasa, vigilância sanitária, Parque Ecológico, Secretaria de esporte – ginásio Rogê Ferreira, e Orquestra Sinfônica) retornando em 2005 para o MHN.



Foto: Daniel Santos de Aguiar

Foi responsável por desenvolver uma forma diferente de conservação dos animais, sem o uso do arsênico, já que teve uma forte intoxicação em 1987, gerando um sério problema nas suas articulações, cogitou até a possibilidade de deixar seu emprego.

Também desenvolveu uma forma de moldes sem o uso do gesso, que ficava muito pesado, substituindo por espuma expansiva, por enquanto apenas em animais pequenos. Tal técnica só é utilizada por ele e por técnicos da Unicamp.

Atualmente é o funcionário mais antigo do Museu de História Natural e pretende prolongar o legado de Wünsche e Mario Lotufo.



Foto: Daniel Santos de Aguiar

A Continuidade com Reynaldo Wünsche

Filho de Max e Albertina Wünsche, Reynaldo nasceu em 8 de dezembro de 1926, na cidade de Rio Claro-SP. Veio para Campinas em abril de 1938 junto aos pais.

Durante os anos de juventude em Campinas, fez seus estudos primários no Colégio São Benedito, e formou-se na Escola Técnica de Comércio da Academia São Luiz, no ano de 1946, como contador.

Casou-se em 27 de setembro de 1956 com Wanda Isabel da Silva, tendo sua primeira e única filha Diana Wünsche no ano seguinte, em 26 de janeiro.



Posteriormente divorciou-se e casou-se novamente, no dia 8 de dezembro de 1991, com Maria Inês Curriel, não tendo novos herdeiros.

Foto: Museu de História Natural de Campinas/Acervo

Como Reynaldo já tinha experiência com montagem de esqueletos e taxidermia desde os quinze anos, foi contratado pelo Museu de História Natural, como auxiliar de seu pai Max, em 1º de março de 1945.

No ano seguinte, já formado como contador, assumiu os serviços burocráticos do Museu e do Bosque dos Jequitibás. A partir de 15 de setembro de 1971, aposentou-se do cargo.

Assumiu também o posto de Diretor Social do Clube Atlético de Barão Geraldo, onde desenvolveu diversos projetos, entre eles a organização da Biblioteca do Grupo Escolar “José Pedro de Oliveira”.



No período que residiu no distrito, dedicou-se ao cultivo de orquídeas junto ao pai. A partir de 1987, mudou-se para Araras-SP.

Uma particularidade de Reynaldo Wünsche eram suas poesias. Escrevia desde os onze anos de idade, tendo seu primeiro batizado com “Andorinhas de Campinas”. Produziu diversos livretos escritos artesanalmente. “Crepúsculo”, “A Semente”, “Só Sonetos”, “Pensamentos e Crônicas” compõem parte de sua bibliografia.

Escreveu também na companhia de sua filha Diana Wünsche. Um deles, “Poemas e Canções”, datando 2009, está localizado no acervo do Museu de História Natural.



Foto: Museu de História Natural de Campinas/Acervo

Foi condecorado com a Medalha Carlos Gomes em 14 de julho de 2001, em agradecimento aos serviços prestados em Barão Geraldo e também como funcionário público.

Faleceu em 3 de junho de 2015, na cidade de Araras.

Reestruturação com Célio Turino

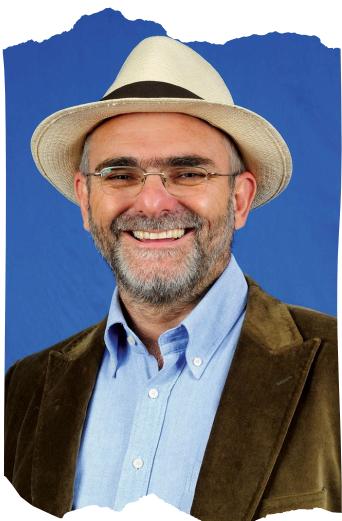


Foto: Iber Cultura Viva

Célio Roberto Turino de Miranda, nasceu em Indaiatuba, no dia 12 de abril de 1961.



Foi diretor do Museu de História Natural durante a década de 80, período em que também coordenava o Museu do Folclore e o Museu do Índio, abrigados no Casarão do Bosque dos Jequitibás, deixando a frente do cargo quando os transferiu para o Museu da Cidade no prédio da Ligeroord.

No processo de reestruturação de quatro museus municipais, arrecadou cerca de 100 mil dólares para o Museu de História Natural.

A Expansão com o Aquário Municipal: Flávio Jorge Abrão

Flávio Jorge Abrão, nascido em São Paulo, no dia 3 de junho de 1961. Chamou a atenção de Célio Turino, devido ao seu projeto particular com aquários, que o convidou para trabalhar como biólogo do Museu de História Nacional em 1987.

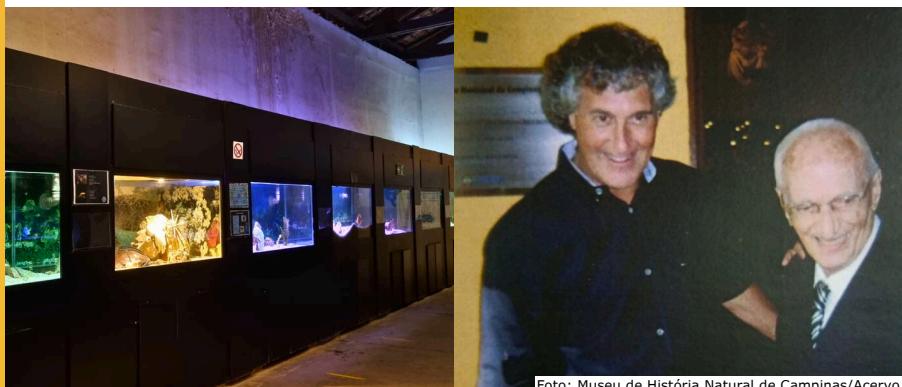


Foto: Museu de História Natural de Campinas/Acervo

Na mesma data, Célio desenvolveu um projeto transferindo o Museu do Folclore e o Museu do Índio para outro prédio da cidade. Célio, se vendo fora da temática biológica do Museu, passou o cargo de diretor para Flávio no ano de 1990.

Flávio foi responsável pela fundação do Aquário Municipal no ano de 1992, e permaneceu como diretor do complexo do Museu de História Natural até 2021.

Projetos Educacionais e Contribuições de Denise Polydoro e Isabel Pagano

Denise Polydoro, nascida na cidade de Campinas em 3 de abril de 1964, entrou no Museu em 1986 como bolsista/estagiária a partir do patrocínio fechado com a Rodhia.



Foi contratada em 17 de setembro de 1987 como bióloga do Museu, elaborando projetos sobre educação ambiental, entre eles, o Transmubosk, que teve grande repercussão na cidade de Campinas.

Em 1990, assumiu a frente da supervisão do MHN até o ano de 1997, quando se ausentou para assumir o departamento técnico científico na fundação José Pedro de Oliveira, responsável pela Mata Santa Genebra. Retornou para seu cargo de bióloga em 2000, e dois anos depois idealizou o projeto da casa dos animais interessantes.

Isabel Pagano, natural de Santos-SP, nasceu no dia 11 de janeiro de 1962.

Especialista Cultural concursada da Prefeitura Municipal de Campinas desde 2002, ingressou na equipe do Museu de História Natural no final de 2005, contribuindo no desenvolvimento de exposições e materiais de divulgação, elaboração de projetos para editais, apoio ao educativo do Museu e organização de atividades culturais.

De 2006 a 2014, coordenou a série de “Encontros sobre Saúde e Qualidade de Vida”. Esse programa contou com a participação de convidados de diversas especialidades em mais de 70 palestras, tendo por objetivo informar e esclarecer o público sobre temas que contribuem para a vida saudável, a harmonia entre homem e natureza, maior qualidade de vida e, consequentemente, maior consciência ambiental.



Foto: Prefeitura Municipal de Campinas

Conclusão: O Futuro do Museu

O Museu de História Natural de Campinas continua a crescer e se transformar, sempre se adaptando às novas demandas da ciência e da educação.



Fotos: Prefeitura Municipal de Campinas

A contribuição de todos os colaboradores ao longo das décadas, foi fundamental para manter o museu como um espaço de conhecimento e preservação da biodiversidade.

O legado de Max Wünsche e todos que o seguiram permanece vivo, garantindo que futuras gerações possam aprender e se inspirar.



Ficha técnica

Museu de História Natural de Campinas

Coordenação
Isabel Pagano

Pesquisa e texto
Julia Cominatto

Imagens

Prefeitura Municipal de Campinas | Museu de História
Natural de Campinas | Wünsch | Iber Cultura Viva

Projeto Gráfico e Diagramação
Flávia Möller | Giovana Santarosa | Giovanna Dantas |
Victoria Sant'Ana | Vinícius Reiner

E-book desenvolvido como parte de um trabalho de
conclusão do curso de Mídias Digitais da PUC-
Campinas, orientado por Juliana Sangion